

Por vezes vejo mas não sinto

Por vezes vejo mas não sinto,
Vejo a sombra do amor,
Reflectida pelo sonho distante,
Numa noite escura eu persenti,
A lua em quarto minguante,
Perco-me nas estrelas,
Até deixar de vê-las,
Fecho os olhos para não chorar,
Sento-me no chão para não cair,
E começo a contar,
Contei dias, contei anos,
Contei sonhos e contei vidas,
Contei até ao infinito,
Contei tudo até mesmo o que não era permitido,
Quando não havia mais nada para contar,
Levantei-me e comecei a andar,
Cansado de andar comecei a correr,
Corri o mundo, a galáxia e o universo,
Corri todos os paralelos até ao último verso,
Como não encontrei aquilo que queria,
Abri os olhos para ver se via melhor,
A luz era intensa e ceguei,
Pensei sentir calor,
Depois vento, chuva e algo estranho,

Algo se colou! Não vejo mas sinto,
Tenho algo na mão,
Sinto um aperto no coração,
Sinto um agradável odor,
Oíço um respirar e um distante sussurrar,
Alguém está a rir e começou a cantar,
Uma musica, sem letra, que continua a tocar,
Toca-me na mão e no ombro e agora na testa,
Quase como beijos de antigos desejos,
De repente o som parou e o cheiro terminou,
Começo a sentir a chuva a cair,
Não é fria e sabe tão bem,
Parece que sinto alguém,
A agarrar, a beijar e a abraçar,
Agora sinto e não vejo como é bom amar...

Manuel Cordóvil

2014-05-03